

As materialidades da cor no ensino de artes

RESUMO

Este artigo versa sobre a importância das materialidades das cores no ensino de artes. O objetivo do trabalho é entender como as materialidades em questão têm consequências que podem ser problemáticas, mas que podem ser disputadas por experiências de comunicação entre o conhecimento e prática acadêmicos e a sociedade. Cores são importantes para a sociedade e especialmente no ensino. Debates na arte contemporânea chamam a atenção para suas materialidades, que passam por suas infraestruturas objetivas e também por seus contextos e conteúdos. Esses elementos, associados a aspectos técnicos da produção de tintas e pigmentos, podem ter consequências problemáticas quanto ao acesso dos materiais cromáticos. Apresentamos o caso de lápis de cor que normaliza o tom de pele branco como único possível e como houve uma reação contrária que ensejou a criação de lápis com tons de pele diversos. No mesmo sentido, tratamos do caso do projeto Poéticas do Habitar, que produz pigmentos a partir da terra, ministrando oficinas e cursos e disponibilizando materiais. Conclui-se que controvérsias da história da arte auxiliam a disputar alternativas democráticas de tecnologias, através de relações de solidariedade com comunidades de fora da universidade.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria da cor. Cor e educação. Materialidades. Arte e tecnologia.

Yuri Gabriel Campagnaro
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, UTFPR, Curitiba,
Paraná

Luciana Martha Silveira
Universidade Tecnológica Federal
do Paraná, UTFPR, Curitiba,
Paraná

INTRODUÇÃO

Esse artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla de tese de doutorado em que se investiga a relação entre cor, tecnologia e política. Aqui neste texto, como premissa, assumimos que a cor possui uma diversidade de materialidades que são fundamentais na nossa percepção cromática. Nosso objetivo é mostrar que a busca dessa diversidade de materialidades e sua vivência em experimentação possuem consequências políticas que influenciam o ensino de artes visuais. Através da consideração da diversidade nas materialidades da cor no ensino das artes visuais, é possível construir relações de solidariedade com comunidades de fora da universidade e assim disputar um sentido mais democrático de tecnologias.

Para isso, apresentamos os fundamentos da relação entre cor, tecnologia e política, aplicando debates do campo Ciência, Tecnologia e Sociedade na teoria da cor e no campo artístico. Compreendemos suas materialidades e como estas, além de fundamentais na prática, são consideradas importantes para o ensino da teoria da cor, especialmente, na educação infantil. Em seguida, mostramos exemplos de relações alternativas com essas materialidades, no caso de projeto de extensão universitária, produção de uma mercadoria mais inclusiva e um projeto de ensino e de produção de pigmentos da própria terra, que une corpo e território, voltado para o ensino infantil.

Conclui-se que as materialidades das cores são fundamentais para nossa relação com elas e que muitas vezes é possível que tais materialidades tenham consequências problemáticas, como exclusividade, racismo ou alienação. Ainda assim, existem experiências muito importantes de disputa dessas tecnologias, para objetivos mais democráticos e inclusivos.

A COR NO ENSINO INFANTIL

Na infância, aprendemos os fundamentos que nos permitem entrar em relação com o mundo. Assim como aprendemos a falar, a escrever, a entender elementos importantes, também começamos a lidar com as cores e aprendemos muito do que elas significam para nossa sociedade. Parte desse aprendizado é promovido pela educação infantil e pelo ensino de arte, que deflagra na criança diferentes formas de expressão e de conhecimento a partir dos sentidos humanos (CUNHA, 2012, p. 17).

Por esses motivos, a Base Nacional Curricular Comum estipula que as experiências com elementos como as cores favorecem

“...o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ...” (BRASIL, 2018, p. 41).

Nessa esteira, projetos educacionais de ensino da cor para crianças buscam desenvolver a percepção visual e o estágio sensório-motor, propondo práticas com a cor que envolvem o conhecimento visual, os sentidos culturais e de comunicação da cor.

Como exemplo desse tipo de prática, em 2016, Paula Mastroberti, Camila Peres e Luana Rettamozo realizaram Projeto de Apoio Extra Disciplinar para o Curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do

Sul (UFRGS), ministrando oficinas de ensino da cor em creches, berçários e maternas. Como relatam, o foco da sua atividade estava na relação da criança com o material, explorando a cor, a luz e o movimento através do corpo, usando de placas coloridas de papel celofane que podiam ser manipuladas, além de experiências com pincel e tinta (MASTROBERTI, PERES, RETTAMOZO, 2017, p. 20-23).

Como afirma Suzana Rangel Vieira da Cunha, o processo expressivo se modifica no contato com linguagens, intervenções de outros e com os materiais expressivos. “Nas atividades livres, (...) as crianças devem ser desafiadas em explorar esses materiais em todas as suas possibilidades” (CUNHA, 2012, p. 18).

Começamos pela exploração do suporte, o papel, lançando perguntas do tipo: quando foi inventado o papel? Como era feito e usado o papel? Como será que é feito o papel hoje? Que papéis conhecemos? Em que papéis podemos fazer marcas? Todos? As marcas ficam no jornal, no celofane, no papel de bala, na toalha de papel, no papelão de caixas? Por que as marcas ficam diferentes se o lápis é o mesmo? O que determina as diferenças: o lápis ou a qualidade da superfície?” Depois passamos ao lápis de cor... (CUNHA, 2012, p. 20)

Não é escopo desse texto debater as metodologias de ensino da arte para a infância, mas, a partir do que foi colocado, destacar os aspectos materiais da cor que influenciam na relação que temos com as cores e, em específico, com o ensino de arte. Todas as pertinentes perguntas feitas por Suzana Cunha acerca do papel mostram como o papel a que temos acesso influencia no modo como passamos a entender as cores, pois, na infância, é muito comum nos relacionarmos com as cores como forma de expressão através de um papel específico.

É possível lembrar de momentos da nossa infância em que pintamos com uma guache de duvidosa qualidade (será que era guache mesmo?) em um papel sulfite, que imediatamente ficava encharcado, empoçado e enrugado. Mesmo no caso de estudantes mais avançados, é comum que apenas tardiamente tenham condições usar papéis próprios à pintura.

As materialidades das cores influenciam de forma decisiva o modo como nos relacionamos com elas, o que aprendemos que elas significam, como as manipulamos, como nos expressamos com elas, e essas materialidades possuem mediações que nada têm de neutras ou inocentes. Aprender a pintar usando o dedo, papel sulfite e um pseudo-guache são limitações frente a quem tem condições de aprender a pintar usando pinceis, papéis e telas de materiais adequados e tintas de diversas composições e qualidades.

Para entender melhor esses problemas e apresentar experiências que buscam contorná-los, explicaremos o que são as cores e como se articulam suas materialidades, que influenciam de modo decisivo nossa relação com o mundo cromático e o ensino de arte.

O QUE SÃO CORES

As cores são estudadas pela teoria da cor como fenômeno complexo, dotado de três dimensões concomitantes: física, fisiológica e simbólica. Na dimensão física, que nos remete aos experimentos de Isaac Newton, a cor é frequência de

onda de raio luminoso, podendo ser medida – o que explica nossa presunção de que as cores são totalmente domesticadas hoje em dia. Na dimensão fisiológica, os raios de luz provocam nosso corpo a interpretá-los, por meio de nossas células da visão, presentes nos olhos, e também por nosso cérebro – aquele raio imaterial é já aqui mediado pela corporalidade, suas limitações e potencialidades. Na dimensão simbólica, nossa cultura interpreta essa sensação, o que se relaciona com a construção coletiva dos simbolismo das cores, seus efeitos psicológicos e suas materializações em narrativas e objetos (SILVEIRA, 2015, p. 122).

Essas dimensões diversas formam a nossa percepção cromática de modo complexo, trazendo filtros que influenciam as relações que temos com as cores. Em 2017, ocorreu uma controvérsia na arte contemporânea, que percorreu os noticiários especializados e as redes sociais e que trouxe à tona algumas das possíveis problemáticas que envolvem esse assunto – o que diz respeito ao controle e ao acesso que temos ao mundo cromático.

A empresa de nanotecnologia Surrey NanoSystems desenvolveu uma cobertura que tem o efeito óptico de ser um preto que não reflete a luz, o *Vantablack* (Figura 1). Sua estrutura molecular composta por nanotubos de carbono prende totalmente a luz que a atinge e causa um efeito muito peculiar. Objetos cobertos com esse material parecem recortados, como uma mancha preta bidimensional.

Figura 1. Vantablack



<https://blog.sciencemuseum.org.uk/vantablack-is-the-new-black/>, acessada em 11/01/2023, às 19:55

Muitos artistas se empolgaram com as possibilidades estéticas do Vantablack, mas a empresa concedeu exclusividade nos direitos de uso para fins artísticos para o artista indiano-britânico Anish Kapoor, que teria contribuído para tornar o produto viável para utilização em obras de arte (MUNZENRIEDER, 2017). Contrariamente a esse monopólio, o jovem artista britânico Stuart Semple desenvolveu uma tinta acrílica superpreta, que alcança um efeito óptico parecido com o do Vantablack, mas com a vantagem de ser não tóxico, relativamente barato e disponível a todos, o “Black 3.0” (MEAD, 2022).

Esse debate até parece um tanto mesquinho, mais uma briga de egos das redes sociais. Porém, ela revela aspectos fundamentais sobre o assunto tema deste artigo. O caso do Vantablack problematiza o modo como naturalizamos as cores, como costumamos entender que elas são totalmente domesticadas e acessíveis, podendo até serem monopolizadas.

Essa situação mostra o controle e exclusão ocorrendo no excludente ambiente da arte contemporânea. Ainda assim, o problema de acesso a cores também ocorre em espaços mais ordinários e comuns a todos, como no ambiente de ensino. Para entendermos esse tipo de realidade, devemos investigar como a cor possui diversas materialidades e como elas operam no contexto da educação.

COR E MATERIALIDADE

Quando falamos de materialidade, não estamos apenas nos referindo aos aspectos físicos, palpáveis da realidade. Segundo Daniel Miller, esse conceito diz respeito às molduras sociais que influenciam e conformam nossas relações e que dizem respeito a objetividades e infraestruturas, mas também a contextos e conteúdos, histórica e socialmente determinados (MILLER & HORST, 2012, p. 24-25).

Nos estudos da arte e das mídias, Paulo Laurentiz investiga como a materialidade abrange a expressão dos suportes físicos. Rompendo com a ideia de um sujeito produtor que incide sobre um objeto passivo, Laurentiz destaca como a operação na materialidade ocorre como uma cooperação entre o autor e os meios (LAURENTIZ, 1991, p. 102-103).

As cores podem ser entendidas dessa forma, como suportes de materialidade que ajudam a construir sentidos ao serem manipuladas. Mas as cores não são simplesmente dados passivos da natureza. Como entende Daniel Miller, muitas das materialidades de nossa realidade social são naturalizadas, não nos damos conta de sua influência, e é justamente por causa desse desaparecimento que essas molduras são importantes (MILLER, 2005, p. 5). O caso do Vantablack trouxe à tona uma dessas molduras, que estava invisibilizada: como as cores podem ser controladas, monopolizadas, e como esse monopólio pode ser disputado. Trata-se de uma mediação social, política, econômica, técnica e estética, tudo ao mesmo tempo.

A natureza possui uma variedade relativamente limitada de cores em estado bruto. Foi a humanidade que sempre a manipulou para produzir pigmentos e tintas com cores variadas, o que determina a gama de cores que podemos acessar. Apesar das variadas opções de tintas coloridas, embaladas com nomes e números, catalogadas e disponibilizadas em tabelas cromáticas, as pessoas são alienadas do modo como são feitas. Subestimamos esse mundo e naturalizamos os processos históricos de produção da cor (FINLAY, 2003, p. 26-27).

Elementos técnicos ligados ao modo de produção de cada sociedade criaram modos diferentes de se obter matéria-prima cromática e produzir cores de modo massivo e estável. Seus atributos específicos, simbólicos e também econômicos, como custo, acesso e disponibilidade tiveram sua importância diminuída nos estudos da teoria da cor e da arte (BALL, 2002, p. 18-22).

Portanto, do que as cores são feitas, como são feitas, quanto custam para que possamos acessá-las, sem contar suas possíveis toxicidades e perigos para a saúde e meio ambiente, todos esses elementos, são fundamentais para o modo como nos relacionamos com as cores. E não são apenas artistas que precisam das cores. Além de todo objeto produzido industrialmente ser feito com uma cor, as cores desempenham papel fundamental em como entendemos a realidade e em como aprendemos desde a infância, como já mencionamos. Ter ou não acesso a cores também é uma questão política e que caminha junto com as desigualdades estruturais da sociedade capitalista.

OS TONS DE PELE NA EDUCAÇÃO EM ARTE

Até recentemente, no Brasil, empresas que produzem material artístico escolar, lápis de cor, giz de cera e tintas variadas, costumavam vender em seus conjuntos uma cor chamada “cor de pele”, consistente em uma tonalidade próxima do cor-de-rosa claro (Figura 2). Essa denominação identificava o tom de pele de pessoas etnicamente brancas como a definição de cor de pele de todas as pessoas, normalizando o branco e excluindo representações de outras etnias, o que pode ser considerado como uma manifestação do racismo estrutural do país (BASTOS et al., 2016).

Em atividade em escolas do ensino fundamental na cidade de Maringá, em 2014, João Paulo Baliscei, Geiva Carolina Calsa e Ana Caroline Marques Godinho notaram que mesmo crianças que possuíam tons de pele diversos representavam pessoas com a cor citada. Existia, portanto, uma naturalização do uso daquela cor para pintar a pele de qualquer pessoa (BALISCEI, CALSA & GODINHO, 2017, p. 39-40).

Esse caso é similar ao que ocorreu no campo da fotografia, em que o balanceamento de cores de filmes fotográficos da marca Kodak não conseguia reproduzir peles mais escuras, principalmente quando próximas de pessoas com peles claras. Para fazer a calibragem das fotos, a marca enviava uma referência, chamada de “cartão Shirley”, que reproduzia a imagem de uma mulher de pele clara, vestindo roupa de alto contraste, que posavam até que a cor fosse ajustada. Com isso, a mensagem era que essa aparência era a norma, o normal era a pele branca e a química foi desenvolvida para a reprodução dessa normalidade. Como afirma Lorna Roth, essas tecnologias são construídas com bases econômicas e

culturais que direcionam padrões de representação visual dominantes (ROTH, 2016).

Tratam-se de concepções políticas problemáticas embutidas nos objetos técnicos da cor, que, no caso, ajudam materialmente a fixar um entendimento excludente. Felizmente, a partir da denúncia, problematização e ativismo de muitos educadores e militantes sociais, atualmente existem caixas de lápis intitulados “tons de pele” (Figura 3), que valorizam a diversidade de tons de pele existentes. Independentemente das fortes motivações mercadológicas dessa mudança, ela é fundamental, pois desestabiliza determinações políticas excludentes presentes na materialidade dessa cor.

Dessa forma, assim como as tecnologias da cor a que nos referimos não são neutras, possuindo aspectos materiais que podem excluir, é possível produzir alternativas tecnológicas que são voltadas para a inclusão. No caso dos tons de pele, o ativismo exigiu essa postura das empresas, mas existem casos em que o ativismo está na própria produção dessas materialidades.

Figura 2. Lápis “cor de pele”



Figura 3. Lápis “tons de pele”



Fonte: <https://www.geledes.org.br/do-cor-de-pele-ao-nude-ou-o-mundo-que-queremos-ser/> acessado 11/01/23, às 19:59
Fonte: <https://www.lojafabercastell.com.br/prod/lapis-de-cor-ecolapis-supersoft-tons-de-pele-12-cores-faber-castell/389542?WT.svl=3> acessado 11/01/2023, às 20:02.

AS POÉTICAS DA COR NA ESCOLA

Como destacamos ao longo do texto, o contato das crianças com os materiais da cor são mediados por diversos filtros: a possibilidade de acesso, o custo, a qualidade e até o nome. Também destacamos como essas materialidades normatizam comportamentos e modos de representar o mundo na mesma medida em que são invisibilizadas. Ao mesmo tempo, essas naturalizações estão relacionadas com a alienação que temos de como as cores são produzidas e distribuídas.

Nesse sentido, existem diversos projetos que buscam construir uma relação mais direta entre a produção e o uso de tintas e pigmentos, criando modos artesanais que articulam elementos da natureza para tanto e que são voltados para a educação em vários níveis: a educação de arte, ambiental, do território, da sensibilidade, etc.

O projeto Poética do Habitar, da educadora e artista visual Denise Valarini Leporino, investiga a extração de pigmentos e produção de materiais naturais em conexão com a natureza. Os elementos vegetais e minerais onde se habita são cheios de cor e podem ser manipulados para a produção de tintas e pigmentos. Fazer sua própria tinta provoca uma relação mais conectada com um processo pessoal, que conecta corpos e territorialidades. Poéticas do Habitar fabrica materiais à venda e ministra cursos livres. Além disso, Denise também ministra oficinas em escolas, buscando criar relações diferentes das crianças com as cores.

As tintas naturais possuem baixo custo, não são tóxicas, ensejam uma relação de proximidade com a natureza, com uso adequado dos recursos, e traz uma experiência prática que possibilita descoberta de cores e texturas, assim como uma aprendizagem mais holística, que envolve não só o uso de cores pré-fabricadas, mas a própria composição das tintas e cores (RIZZI, 2021, p. 35-37).

Em 2023, o projeto Poéticas do Habitar lançou à venda a coleção “Poéticas na Escola” (Figura 4), materiais como giz de cera, tinta em pó, aquarela, com guias cromáticos que sugerem imaginários para as práticas das crianças. Todos os materiais são produzidos à base de terra, com pigmentos naturais, que buscam acompanhar a expressividade das crianças.

Figura 4. Poéticas na Escola



Fonte:

<https://www.poeticadohabitar.com.br/produtos/guia-cromatico-para-imensidao-tinta-aquarela/>,

acessada em 11/01/2023, às 20:00

É comum que tintas naturais não tenham a mesma qualidade das comercialmente disponíveis. Por isso, a coleção Poéticas na Escola toma muito cuidado e faz muita pesquisa para produzir uma tinta mais vívida, fluida, com boa textura e pigmentação. Nesse sentido, não existe uma linha escolar e outra artística, mas busca-se fazer uma tinta tão potente que acompanhe a expressividade da criança.

Segundo Edith Derdyk, o desenho ajuda a criança a construir seu universo próprio, manifestando emoções que fazem parte de um intenso processo existencial. A relação entre o corpo e os materiais estimula uma relação sensorial (DERDYK, 2004). Nesse sentido, a disponibilidade de materiais que possibilitam essa expressividade são fundamentais para que a prática artística da criança realize-se em toda a sua potencialidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo versa sobre a importância das materialidades das cores no ensino de artes, como elas têm consequências que podem ser problemáticas, mas que podem ser disputadas por experiências de comunicação entre a pesquisadores e a sociedade.

Longe de apenas raios imateriais ou sensações, as cores possuem diversas mediações que passam por suas fisicalidades em pigmentos e tintas e por suas relações com o poder e o controle. O acesso que temos às cores influenciam decisivamente o modo como entendemos e nos relacionamos com o mundo cromático, o que traz consequências para trabalhos poéticos, mas também para o mundo industrial e para a representação do mundo.

Os materiais cromáticos disponíveis influenciam a percepção das crianças sobre sua própria identidade e seus limites, problemas ou possibilidades desafiam educadores em sua prática pedagógica.

Do que essas cores são feitas também são questões importantes para o modo como nos relacionamos com elas: se são tóxicas ou não, se são caras, se são de qualidade boa ou não. Práticas como a do Poéticas do Habitar nos ensinam não apenas a tomar as cores como um dado pronto da realidade, mas também a nos apropriarmos de suas materialidades. Experiências como a dos lápis tons de pele e das poéticas do habitar mostram caminhos possíveis de disputar relações mais humanizadas entre pessoas e tecnologia, nesse caso, tecnologias da cor.

Essas práticas, assim como debates sobre teoria da cor e as controvérsias da história da arte e da arte contemporânea também auxiliam a pensar alternativas democráticas para tecnologias da arte, que têm consequências e “códigos técnicos” problemáticos.

Práticas de ensino que buscam horizontes libertários e não apenas depositar informações prontas nos estudantes podem se beneficiar desse tipo de abordagem.

Agradeço a Denise Valarini Leporino, que me concedeu informações e reflexões sobre sua prática em Poéticas do Habitar.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq (Código do Projeto: 40106120191; Código da Bolsa: processo 141850/2020-5).

REFERÊNCIAS

BALISCEI, João Paulo, CALSA, Geiva Carolina e GODINHO, Ana Caroline Marques. **Conflitos com o "lápis cor de pele"**: a série polvo, de Adriana Varejão e o multiculturalismo no ensino de arte. Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 25, n. 1, p. 38-57, Jan./Abr. 2017. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index> acesso em: 27/01/2023 às 14:51

BALL, Philip. **Bright Earth**: the invention of colour. New York, NY: Farrar, Straus and Giroux. 2002.

BASTOS, Joyce; SANTOS, Nívia; SANTOS, Ingrid; CORNÉLIO, Michel; ROCHA, Caíque; LISBOA, Aline. **O Preconceito Velado no Lápis de Cor Intitulado "Cor-de-pele"**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Prêmio Expocom 2016, Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/expocom/EX52-1742-1.pdf> acessado em: 11/01/2022 às 16:46.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018

CUNHA, Suzana Rangel Vieira da. **As artes no universo infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

DERDYK, Edith. **Formas de pensar o desenho**: desenvolvimento do grafismo infantil. São Paulo : Scipione, 2004.

FINLAY, Victoria. **Color**: A Natural History of the Palette. New York: Ballantine Books, 2003.

LAURENTIZ, Paulo. **A holarquia do pensamento artístico**. Campinas: Unicamp, 1991.

MASTROBERTI, P.; PERES, C.; RETTAMOZO, L. K.. **A Cor Como Estímulo Sensorio-Motor**: Cobrindo lacunas na educação em artes visuais para a primeira infância. Revista da extensão da UFRGS, Porto Alegre, p. 17 - 23, 31 jul. 2017.

MEAD, Rebecca. **Anish Kapoor's Material Values**. The New Yorker, 22/08/2022. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2022/08/22/anish-kapoors-material-values>. Acesso em: 5 nov. 2022.

MILLER, Daniel. **Materiality: an introduction**. in MILLER, Daniel (Ed.). Materiality. Duke University Press. Durhan and London. 2005.

MILLER, D. & HORST, H. **The digital and the human: a prospectus for digital anthropology**. in HORST, H. & D. MILLER (ed.) Digital anthropology. London: Bloomsbury. 2012.

MUNZENRIEDER, Kyle. **The Worlds "Blackest Black" and the Hilarious Artist Feud Behind It**. W Magazine, 2017. Disponível em: <https://www.wmagazine.com/story/anish-kapoor-stuart-semple-blackest-black>. Acesso em: 14 out. 2022.

RIZZI, Alessandra. **Sensibilidade Estética no Uso de Tintas Naturais: pensando a prática da educadora Maria Lucina Busato Bueno**. 2021. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, RS, 2021.

ROTH, Lorna. **Questão de Pele**. Revista ZUM. 2016. Disponível em: <https://revistazum.com.br/revista-zum-10/questao-de-pele/>. Acesso em: 27/01/2023.

SILVEIRA, Luciana. **Introdução à teoria da cor**. 2. ed. Curitiba: Ed. UTFPR, 2015.

Recebido: 01/02/2023

Aprovado: 04/10/2023

DOI: 10.3895/rts.v19n58.16369

Como citar:

CAMPAGNARO, Y. G; SILVEIRA, L. M As materialidades da cor no ensino de artes. **Tecnol. Soc.**, Curitiba, v. 19, n. 58, p. 428-438, out./dez., 2023. Disponível em:

<https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/16369>

Acesso em: XXX.

Correspondência:

Direito autoral: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

